

# Economistas: há confiança, e isso pode evitar o desastre.

O Brasil já vive uma hiperinflação? A pergunta, formulada pelo **JT** a economistas de peso, é respondida com cuidado. Predomina a resposta **ainda** não estamos, mas ninguém assegura que lá não chegaremos. Um jornal paulista atribuiu ao ex-ministro Delfim Neto a afirmação de que o País "entrou em um processo de hiperinflação", mas outros economistas acreditam que não só não estamos como nem chegaremos ao desastre. "Não estamos na hiperinflação. Não chegou o clima de pânico e fuga total de ativos financeiros. As pessoas acham que a crise será superada", afirma o economista Edy Luiz Kogut, doutor por Chicago e que conhece de perto o mercado financeiro, no qual esse processo de fuga de capitais para o ouro e o dólar fica transparente.

Antes, porém, é preciso saber: o que é uma hiperinflação? O economista Cagan, em estudo clássico de 1956 (**A dinâmica monetária da hiperinflação**), afirma que ela está instalada quando a inflação supera os 50% ao mês. Mais exatamente, ela começa no mês em que o aumento de preços excede 50% e termina no mês em que a taxa fica abaixo disso, mantendo-se em tal nível

durante pelo menos um ano.

O risco de que isso aconteça vem de dois lados: 1) do governo, via déficit público; e 2) do público em geral, se perder a confiança na política econômica e partir para as compras a qualquer preço.

Um dos principais economistas brasileiros, consultado pelo **JT**, está apreensivo. Ele acha que a economia está "em estado comatoso", e "sem sensibilidade a estímulos".

Para reverter o quadro, sugere, o governo teria que adotar um conjunto de providências de "consistência absoluta", o que não parece provável. Esse programa seria monetário, fiscal e político. Na parte monetária, seria necessário proibir as conversões de dívida externa em capital de risco, encerrar o processo de acumulação de reservas cambiais (aumentando rapidamente as importações) e brecar o **relending** (reemprestimos de recursos externos por bancos). Na parte fiscal, teriam que ser imediatamente eliminados todos os incentivos e subsídios. Na parte política, os ministros gastadores, como Aureliano Chaves, teriam de ser afastados na volta de Sarney da

União Soviética. Só assim estariam criadas as pré-condições para o governo começar a discutir um pacto social.

Edy Kogut apresenta alguns exemplos para mostrar que não obstante exista muita gente comprando ouro e dólar, a confiança não acabou. Um deles é o de uma grande empresa da área de papel e celulose que não conseguiu projetistas para seu projeto de expansão, mesmo colocando um anúncio de meia página em **O Estado de S. Paulo**. Motivo: os investimentos estão baixos, mas cresce rapidamente o número de projetos.

Além disso, diz Kogut, faltam ingredientes básicos para a hiperinflação, pois há possibilidade de sanear a economia, as empresas estão capitalizadas, o setor externo vive um momento brilhante e há empresas investindo no Brasil mesmo sem conversão de dívida. "O problema é que uma hiperinflação foge ao domínio exclusivo da economia. A hiperinflação só chega quando ocorre o pânico. O dia é sempre pior do que a véspera."